

Comportamento

De janeiro a outubro, mais de quatro mil cartas foram enviadas ao presidente e ao ministro da Justiça.

Acredite: eles acreditam em Sarney!

24 NOV 1988

JORNAL DA TARDE

A maioria pede solução para procesos que nunca terminam, disputas de terras, desemprego...

Apesar do descrédito no governo, há brasileiras e brasileiros que ainda vêm no presidente José Sarney e no ministro da Justiça, Paulo Brossard, a última esperança contra a morosidade do Poder Judiciário e a injustiça praticada nos vários níveis do governo. Cartas endereçadas humildemente ao presidente da República caem na assessoria de relações públicas do Ministério da Justiça e pedem solução para processos judiciais que se prolongam por décadas. Mas as pessoas reclamam também de delegados de polícia, prefeitos corruptos, desemprego e questões agrárias.

"Todos os pedidos, independente do mérito, são respondidos", garante a relações públicas do Ministério da Justiça, Eunice Maria de Souza Esteves. Sua equipe, composta por um advogado, um estudante de Direito, secretária e datilógrafo, respondeu de janeiro a outubro a 4.287 cartas e a 1.014 ofícios. No segundo semestre do ano passado, foram expedidas 1.600 correspondências. Antes, o Ministério não contava o número de pedidos recebidos, mas ele pode ser avaliado pela quantidade de pessoas envolvidas no trabalho: até 1987, nove assessores de Brossard dedicavam-se à tarefa de orientar e informar as pessoas mais humildes.

Eunice Esteves diz que a

maioria dos casos trata de problemas de posse de terra: invasores, proprietários e trabalhadores rurais clamam desesperados por justiça ao Ministério da Justiça. "Há grupos especializados em expulsar trabalhadores e pequenos proprietários rurais", comenta Eunice. Segundo ela, 95% das críticas são dirigidas ao Poder Judiciário pela demora em decidir as questões.

Mas, na prática, pouco adianta enviar uma carta ao presidente da República ou comparecer pessoalmente ao Ministério da Justiça para reclamar. Uma ex-assessora de Brossard lembra que um dia um homem do interior de Goiás disse que estava ameaçado de morte e pediu proteção. "Mandei um ofício ao secretário de Segurança do Estado", ela conta, "e disse ao homem que poderia voltar tranqüilo para casa. Uma semana depois entrou um rapaz em minha sala e perguntou: — 'Você se lembra daquele homem que pediu proteção? Ele era meu pai e foi assassinado ontem'. Ela diz que no início houve problemas também com juizes, que achavam que um pedido do Ministério da Justiça feria a autonomia do Poder Judiciário.

"As pessoas confundem Ministério da Justiça com Justiça e acham que aqui se corrigem todas as injustiças", comenta Eunice. "A maioria vem aqui por desconhecimento de causa. Se está passando fome ou se tem uma geladeira fur-

tada, vem ao Ministério da Justiça", conta outro assessor. Pessoas humildes, que recorrem a Sarney em cartas mal escritas ou em contato pessoal, jamais seriam recebidas por um corregedor de Justiça ou Juiz. Embora muitos casos sejam extremamente sérios, os assessores de Brossard não ficam livres dos que levam ao ministério histórias as mais absurdas.

Governador do universo

Enquanto Leonel Brizola, Luis Inácio Lula da Silva e Ulysses Guimarães, por exemplo, anseiam chegar à Presidência da República pelo voto, há um brasileiro querendo assumir o cargo agora mesmo. E não é militar. Trata-se de um cidadão que se identifica apenas como Paulo Antonio e constantemente telefona ao Ministério da Justiça, garantindo que é o legítimo presidente da República e pedindo que seja marcada a data de sua posse. Cada vez que telefona diz estar numa cidade diferente e quer acumular a presidência da República com o cargo de "governador do universo".

"Da última vez, há uns dois meses, eu o convenci de que a constituinte deu cinco anos para o presidente Sarney e, portanto, teria que esperar até 1990 para assumir a presidência. Ele não ligou mais", conta Eunice.

Pedidos como o do "governador do universo" se repetem. Eu-

nice sabe, por exemplo, que ainda há cidadãos "perseguidos" pelo Serviço Nacional de Informações (SNI), ou da luz misteriosa que acompanha outro brasileiro. Outro carrega consigo um gás venenoso. Muitos deles, segundo Eunice são "pessoas boas, mas é preciso tomar cuidado com outras, agressivas".

Há também cartas sérias endereçadas ao "Excelentíssimo Presidente da República". Assunta Fortunato di Cunto, do Rio, relata que tem "um cachorro de porte médio, que quase não late". Mas a síndica do prédio proibiu que os moradores tenham animais em seus apartamentos. Por isso, a síndica espancou Assunta, que reclama ter recorrido em vão à polícia. Josete de Castro dos Santos pede ajuda ao presidente para resolver uma questão pendente há dez anos na 4ª Vara de Acidentes do Trabalho do Rio de Janeiro. A Química Maria Célia Valle Pereira, 27 anos, desempregada, quer a abertura de concurso público para a Polícia Federal e assim evitar o "trem da alegria". Uma simpática velhinha de 70 anos, Maria de Souza Silva, foi há 20 anos para Brasília com marido e filhos. Abandonada, há dois anos, espera por uma passagem para voltar a Teresina, no Piauí, fazendo tapeçaria na porta do ministério.

Gilson Luiz Euzébio/AE